

O GLOBO
2/2/97 16
22

Vale do Ribeira, o Nordeste encravado no Sudeste

Região mais pobre do estado mais rico do país praticamente desapareceu após a maior enchente do século, em janeiro

Sandra Boccia

• SÃO PAULO. Menos de três horas separam a Avenida Paulista — centro financeiro do Brasil — do Vale do Ribeira, o enclave mais pobre do estado mais rico do Brasil, que praticamente desapareceu do mapa durante a maior enchente do século na região, na última semana de janeiro. Em menos de uma semana, choveu o dobro da média histórica da região, formada por 14 municípios que já viviam mergulhados num cotidiano de tragédias. Pelo menos três pessoas foram engolidas pelas águas do Rio Ribeira do Iguape e 16 mil ficaram desabrigadas. É como se, em poucas horas, a natureza apagasse os vestígios de qualquer esperança de prosperidade para 261 mil pessoas.

Nessa região, que no século passado foi rica em ouro e que abriga um dos maiores santuários biológicos do planeta, metade da população ganha até um salário mínimo e os índices de qualidade de vida são piores que os de algumas capitais do Nordeste — o índice de analfabetismo de Eldorado (a cidade mais atingida pelas chuvas), por exemplo, é de 70%, enquanto o do Piauí oscila em 36%.

No Ramal da Fome — como é conhecido o Vale do Ribeira — o alimento mais comum no prato da maioria dos habitantes é a banana. A fruta, que historicamente tem servido de combustível para movimentar a frágil economia do vale, serve agora como ícone da agonia dos deserdados. Da produção, 90% estão arruinados e os agricultores, que mal haviam se recuperado das perdas causadas pelas enchentes de 1995, amargam prejuízos de mais de R\$ 39 milhões, segundo cálculos da Prefeitura. Se replantados, os novos cachos só voltarão a brotar, no mínimo, daqui a 18 meses.

Chuvas só aumentaram o drama dos produtores

As chuvas deste ano apenas amplificaram o drama dos produtores, segundo o diretor da Divisão Regional Agrícola de Registro, Luiz Antônio Penteado:

— A situação era dramática, porque todos já estavam com dívidas até o pescoço, e a verdade é que nunca tivemos um período de vacas gordas por aqui. Apesar de tradição do plantio de banana durante mais de um século, os agricultores do Vale do Ribeira não conseguiram acompanhar a evolução das técnicas de produção, principalmente no que refere ao processo pós-colheita.

Penteado explica que, apesar de mais saborosa que as concorrentes produzidas em Santa Catarina e em outros países da América Central, as bananas produzidas no Vale do Ribeira pecam pela aparência. Elas invariavelmente chegam às feiras e quitandas



Luiz Carlos Santos

UM TRABALHADOR tenta salvar um cacho de bananas, já que a plantação foi muito atingida pelas enchentes no Vale do Ribeira: produção ameaçada e prejuízos que podem passar de R\$ 39 milhões

com marcas pretas demais e, por isso, perdem cada vez mais espaço no mercado.

— As donas de casa valorizam muito a aparência do produto — completa Penteado.

Desgraça dos agricultores, penúria dos trabalhadores, que nos últimos dias têm arriscado a própria vida para salvar o que restou da safra. Aniceto Rodrigues de Freitas, colhedor de bananas durante a vida inteira, é um deles. Ele mergulha na correnteza bárrenta repleta de entulho e, aos poucos, vai retirando gigantescos cachos verdes de “nanição” do domínio das águas. Depois de chegar à terra firme, descasca uma fruta estragada e desabafa:

— A gente faz o que pode para salvar a plantação, mas acho que desta vez não tem jeito não. Essas bananas não prestam mais mesmo e nem sei o que vai dar pra fazer daqui pra frente. Onde é que a gente vai trabalhar?

Por enquanto, a pergunta de Aniceto não encontra resposta. As autoridades ainda não sabem o que fazer com a massa de desempregados que aumenta tão rapidamente quanto o nível das águas que tragaram as cidades em poucas horas.

Do apogeu do ouro à decadência

Região de São Paulo tem a quinta maior reserva biológica do planeta

• SÃO PAULO. Diz a lenda que embaixo das terras alagadas do Vale do Ribeira existem tesouros comparáveis somente aos de Serra Pelada, no Norte. Registro, por exemplo, ganhou esse nome porque fora o município sede do curto ciclo do ouro da região no fim do século passado — era lá que um funcionário registrava o mineral que chegava no leito do Rio Ribeira do Iguape.

Se a história é ou não verdadeira, até hoje ninguém sabe. Sabe-se apenas que entre os contornos que abrigam 1,4 milhão de hectares existem muitas riquezas. Segundo relatório do Governo do estado, a região tem cinco parques e reservas, a maior concentração de cavernas do mundo e a quinta maior reserva biológica do planeta — o complexo estuarino-lagunar do Mar Pequeno.

Para entender a defasagem sócio-econômica do vale, é preciso dar um passo atrás. A região sempre permaneceu à margem do desenvolvimento da metrópole que prosperava com o café e jamais conseguiu gerar ou incorporar a riqueza da produção de arroz, chá, maracujá e banana — culturas que, literalmente, naufragaram.

Há quem diga que o principal entrave para deslançar o desenvolvimento da região é a BR-116, uma estrada de mão única que conecta o vale à metrópole e, não por acaso, recebeu o apelido de estrada da morte. Sua periculosidade mantém distantes turistas e empresários que poderiam injetar dinheiro na região.

Eldorado é uma cidade que, na essência, virou fantasma. As casas, vazias, compõem um labirinto de ruas ermas. Ratazanas e moscas varejeiras pontuam os caminhos da lama que aderiu aos móveis, roupas, utensílios, brinquedos e, principalmente, à pele daqueles que tentam ainda encontrar vida nos escombros.

Como está instalado no ponto mais alto da cidade, o prédio da Prefeitura está intacto. Do alto de seu gabinete, o prefeito Celso Luiz de Freitas (PFL) pede recursos urgentes e acusa o governador Mário Covas de omissão:

— Até agora não recebemos nenhum tipo de ajuda do Governo do estado. O governador Má-

rio Covas só veio até aqui dar uma voltinha de helicóptero e foi embora correndo. Nem lembrou que a gente existe — protestou.

Até quinta-feira os desabrigados de Eldorado dormiam no chão ou em colchões ainda umedecidos pela água fétida das enchentes. Com dois filhos cheios de feridas no colô, Maria de Lour-

des, 19 anos, estampava no rosto sua dor enquanto implorava por um colchonete na porta do SOS:

— Estou com o corpo doendo porque não agüento mais dormir com as crianças no chão.

A exemplo das capitais nordestinas, o vale também apresenta índices de mortalidade infantil assustadores. Em Registro — sede administrativa do vale e, supostamente, a cidade mais desenvolvida da região — são 32 mortes para cada mil nascimentos.

Parâmetros comparativos com o Nordeste são traçados com pleno conhecimento de causa pela médica paraibana Paula Fonseca, diretora municipal de saúde. Ela explica que o descaso das autoridades no vale é tamanho que chegou até mesmo a receber um lote de soro fisiológico com vencimento marcado para este mês. À frente de um cenário marcado por epidemias, ela chama a atenção para as doenças sociais:

— Estamos vivendo o pior momento de todos os tempos e, a partir de agora, vamos sair perdendo em qualquer comparação com o Nordeste. A minha impressão é de que, depois das chuvas, esse Vale, mais do que nunca, ficou esquecido no tempo. ■